



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Curso de Licenciatura em Letras Português – Espanhol

FREDERICO SOUSA DA FONSECA

**ENTRE O DESEJO E A RESISTÊNCIA: INTERSECCIONALIDADE,
PERFORMATIVIDADE E COLONIALIDADE NA LITERATURA ERÓTICA NEGRA
DE ODAILTA ALVES**

RECIFE – PE

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

FREDERICO SOUSA DA FONSECA

**ENTRE O DESEJO E A RESISTÊNCIA: INTERSECCIONALIDADE,
PERFORMATIVIDADE E COLONIALIDADE NA LITERATURA ERÓTICA NEGRA
DE ODAILTA ALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do curso de Letras Português - Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras português e espanhol, sob orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes.

RECIFE – PE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

F676e Fonseca, Frederico Sousa da.
Entre o desejo e a resistência: interseccionalidade,
performatividade e colonialidade na literatura erótica negra
de Odailta Alves / Frederico Sousa da Fonseca. - Recife,
2025.
19 f.

Orientador(a): Iêdo de Oliveira Paes.
Co-orientador(a): Inaldo Firmino Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura
em Letras - Português e Espanhol, Recife, BR-PE, 2027.

Inclui referências.

1. Literatura erótica . 2. Interseccionalidade
(Sociologia) . 3. Performance
. 4. Negras na literatura 5. Resistência. I. Paes, Iêdo
de Oliveira, orient. II. Soares, Inaldo Firmino, coorient. III.
Título

CDD 410

2025

FREDERICO SOUSA DA FONSECA

**ENTRE O DESEJO E A RESISTÊNCIA: INTERSECCIONALIDADE,
PERFORMATIVIDADE E COLONIALIDADE NA LITERATURA ERÓTICA NEGRA
DE ODAILTA ALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do curso de Letras Português - Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras português e espanhol, sob orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes.

Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Recife, 12 de Março de 2025

Dedicado a Deus, à minha família e aos meus professores.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiado em cada passo dessa jornada. Sua presença me fortaleceu nos momentos difíceis e me deu forças para seguir em frente. Sem Sua graça e misericórdia, nada disso seria possível.

À minha família, meu porto seguro, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando incondicionalmente. Aos meus pais, pelo amor, pelos ensinamentos e por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidava. Aos meus irmãos e familiares, pelo carinho, pelas palavras de incentivo e por estarem sempre torcendo por mim. Essa conquista também é de vocês.

Aos meus professores, que foram fundamentais nessa caminhada, compartilhando conhecimento, orientando e inspirando. Em especial, ao professor Lêdo, pela paciência, pelo apoio e pelos ensinamentos valiosos que me ajudaram a crescer não só academicamente, mas também como pessoa. Sua dedicação fez toda a diferença.

Aos amigos que a universidade me trouxe, por todas as trocas, pelo apoio nos momentos difíceis, pelas risadas e pela parceria ao longo dessa trajetória. Ter pessoas incríveis ao meu lado tornou tudo mais leve e especial.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada, meu muito obrigado! Essa vitória é fruto de muito esforço, mas também do apoio e carinho de cada um de vocês.

“Por isso na impaciência
desta sede de saber,
como as aves do deserto-
As almas buscam beber...
Oh! bendito o que semeia
livros... livros à mão cheia.”

Castro Alves

RESUMO

Este trabalho analisa a obra *Pretos Prazeres* (2020), de Odailta Alves, a partir das teorias de Judith Butler e María Lugones, com o objetivo de compreender como a literatura erótica negra tensiona normas de gênero, sexualidade e raça. A pesquisa destaca como Alves desafia discursos hegemônicos ao criar narrativas que ressignificam o erotismo negro como um espaço de resistência e afirmação subjetiva. O estudo parte da teoria da colonialidade do gênero de Lugones para evidenciar como as estruturas coloniais impuseram uma normatividade binária e racializada aos corpos negros. Além disso, fundamenta-se na teoria da performatividade de gênero de Butler para demonstrar como a identidade é construída por meio da repetição de normas, podendo ser subvertida. Ao longo da análise, observa-se que a literatura de Alves desestabiliza as representações tradicionais do desejo e da sexualidade negra, promovendo novas formas de subjetivação. A pesquisa se estrutura em três seções: o primeiro examina a colonialidade do gênero e como a literatura erótica negra se configura como um espaço de resistência. A segunda seção discute a performatividade de gênero e sua relação com as transgressões identitárias na obra de Alves. O terceiro seção estabelece um diálogo entre as teorias de Butler e Lugones, evidenciando a interseccionalidade entre raça, gênero e erotismo. Os resultados indicam que *Pretos Prazeres* desafia a inteligibilidade normativa da identidade ao promover narrativas que deslocam os corpos negros do lugar de subalternidade, ressignificando o erotismo como um ato político. Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão da literatura erótica negra como um campo de disputa e reinvenção, em que o desejo e a identidade tornam-se ferramentas de resistência e emancipação.

Palavras-chave: Literatura erótica negra; Interseccionalidade; Performatividade de gênero; Colonialidade do gênero; Resistência.

RESUMEN

Este trabajo analiza la obra *Pretos Prazeres* (2020), de Odailta Alves, a partir de las teorías de Judith Butler y María Lugones, con el objetivo de comprender cómo la literatura erótica negra tensiona las normas de género, sexualidad y raza. La investigación destaca cómo Alves desafía los discursos hegemónicos al crear narrativas que resignifican el erotismo negro como un espacio de resistencia y afirmación subjetiva. El estudio parte de la teoría de la colonialidad de género de Lugones para evidenciar cómo las estructuras coloniales impusieron una normatividad binaria y racializada sobre los cuerpos negros. Además, se fundamenta en la teoría de la performatividad de género de Butler para demostrar cómo la identidad se construye a través de la repetición de normas, pudiendo ser subvertida. A lo largo del análisis, se observa que la literatura de Alves desestabiliza las representaciones tradicionales del deseo y la sexualidad negra, promoviendo nuevas formas de subjetivación. La investigación se estructura en tres Secciones: el primero examina la colonialidad de género y cómo la literatura erótica negra se configura como un espacio de resistencia. El segundo Sección discute la performatividad de género y su relación con las transgresiones identitarias en la obra de Alves. El tercer Sección establece un diálogo entre las teorías de Butler y Lugones, evidenciando la interseccionalidad entre raza, género y erotismo. Los resultados indican que *Pretos Prazeres* desafía la inteligibilidad normativa de la identidad al promover narrativas que desplazan los cuerpos negros del lugar de subalternidad, resignificando el erotismo como un acto político. De esta manera, este estudio contribuye a la comprensión de la literatura erótica negra como un campo de disputa y reinención, en que el deseo y la identidad se convierten en herramientas de resistencia y emancipación.

Palabras clave: Literatura erótica negra; Interseccionalidad; Performatividad de género; Colonialidad de género; Resistencia.

INTRODUÇÃO

A literatura tem sido historicamente um espaço de disputa e representação de subjetividades que desafiam as normas impostas pela sociedade. No contexto da literatura erótica negra, há uma subversão dos discursos hegemônicos sobre corpo, desejo e identidade, abrindo espaço para narrativas que deslocam categorias tradicionais de gênero e sexualidade. Essa produção literária emerge como uma ferramenta de resistência, contestando as estruturas de poder que buscam controlar os corpos racializados e suas expressões de prazer. A obra *Pretos Prazeres* (2020), de Odailta Alves, insere-se nesse cenário ao apresentar contos que problematizam a normatividade de gênero e exploram a interseção entre raça, erotismo e identidade. Por meio de uma escrita que transborda os limites impostos pelo cânone literário, Alves constrói um universo em que o desejo se torna um ato de insurgência e de afirmação da subjetividade negra.

Ao longo da história, a sexualidade dos corpos negros foi sequestrada por narrativas coloniais que ora os desumanizaram, ora os hipersexualizaram, impedindo a construção de discursos próprios sobre o prazer e a intimidade. A literatura erótica negra, nesse sentido, não apenas se contrapõe a essas representações, mas também reivindica novas possibilidades de existência e agência. *Pretos Prazeres* desafia essas estruturas ao trazer personagens cujas experiências eróticas extrapolam os estereótipos e reivindicam a autonomia do corpo negro em seus próprios termos.

Este trabalho propõe uma análise da obra a partir dos conceitos teóricos de Judith Butler e María Lugones, buscando compreender como as noções de performatividade de gênero e colonialidade do poder emergem nos contos de Alves. Butler (1990) argumenta que o gênero não é uma essência fixa, mas um efeito da performatividade, sendo reiterado por meio de práticas discursivas que naturalizam a heteronormatividade. Já Lugones (2020) aprofunda essa discussão ao demonstrar como a colonialidade impõe uma estrutura binária e hierárquica de gênero, racializando corpos e subjetividades. Dessa forma, a interseccionalidade entre gênero, raça e desejo torna-se um eixo fundamental para entender a potência subversiva da obra de Alves.

A escolha de *Pretos Prazeres* como objeto de análise se justifica por sua relevância na literatura contemporânea, na medida em que desafia as estruturas do desejo e da

identidade dentro de um contexto afrocentrado e feminista. A obra de Alves não apenas representa corpos dissidentes, mas também promove uma escrita que tensiona as fronteiras entre o permitido e o proibido, entre a norma e a transgressão. Ao tratar do erotismo negro sob uma perspectiva que foge da fetichização e da marginalização, Alves ressignifica o desejo como uma experiência genuína e complexa, ligada à memória, à ancestralidade e à resistência.

Além disso, a obra apresenta uma multiplicidade de vozes e vivências que escapam das narrativas dominantes, permitindo a construção de personagens cujas trajetórias não são delimitadas pelo olhar branco e patriarcal. Em *Pretos Prazeres*, a subjetividade negra se expande, explorando nuances de prazer, afeto e autoconhecimento que muitas vezes são negadas às populações racializadas na ficção tradicional. Assim, Alves inaugura um espaço literário no qual os corpos negros podem ser protagonistas de suas próprias histórias de desejo, sem que suas experiências sejam reduzidas a um viés exotizante ou patologizante.

Dessa forma, este estudo pretende demonstrar que *Pretos Prazeres* é uma obra fundamental para a compreensão das tensões entre erotismo, identidade e racialidade, promovendo um deslocamento crítico das categorias de gênero e desejo e evidenciando a potência da literatura como instrumento de transformação social. Ao trazer para o centro da narrativa as experiências eróticas de sujeitos historicamente marginalizados, Odailta Alves constrói um espaço no qual a sexualidade negra pode ser vivida em sua plenitude, sem as amarras das representações normativas. Assim, a literatura erótica negra se consolida como um campo de disputa e reinvenção, no qual o desejo se torna sinônimo de liberdade e autoafirmação.

A COLONIALIDADE DO GÊNERO NA LITERATURA ERÓTICA NEGRA

A teoria da colonialidade do gênero, formulada por María Lugones (2020), questiona a imposição do modelo de gênero ocidental e binário sobre populações colonizadas. Segundo Lugones, “a colonialidade do poder introduz uma classificação universal e básica da população do planeta pautada na ideia de ‘raça’” (LUGONES, 2020, p. 55). Essa estrutura classificatória foi essencial para a construção de um sistema hierárquico que restringiu as mulheres negras e indígenas a posições de subalternidade, negando-lhes direitos e autonomia. Dessa forma, o gênero, no contexto da colonialidade, não se reduz a uma construção social baseada na diferença entre os sexos, mas sim a uma ferramenta de dominação que reforça a racialização das identidades e subjuga os corpos dissidentes dentro de um sistema de opressão interseccional.

A literatura erótica negra, nesse contexto, se configura como um espaço de resistência e reapropriação da sexualidade, desafiando as normativas que historicamente negaram o erotismo e a subjetividade aos corpos racializados. O livro *Preto Prazeres* (2020), de Odailta Alves, ressignifica o desejo negro a partir da narrativa erótica, rompendo com estereótipos de subalternização e reinscrevendo esses corpos dentro de uma experiência de prazer e autonomia. O erotismo, longe de ser um simples recurso narrativo, assume um papel político ao contestar as imposições coloniais sobre os corpos negros, permitindo que a sexualidade seja vivida fora das lógicas de objetificação e exploração historicamente impostas.

Os contos presentes em *Preto Prazeres* dialogam diretamente com as ideias de María Lugones, pois apresentam personagens que desafiam as normas coloniais de gênero e sexualidade. No conto "Transnegros" (ALVES, 2020, p. 12), Dora e Tony encontram-se em um festival de cinema e, através de um jogo de sedução, exploram sua sexualidade de forma afirmativa. Essa narrativa se alinha à crítica de Lugones à colonialidade do gênero, pois “o entendimento capitalista, eurocêntrico e global sobre o gênero mantém velado o entendimento de que as mulheres colonizadas, não brancas, foram subordinadas e destituídas de poder” (LUGONES, 2020, p. 54). Assim, o conto desafia a ideia de que o prazer negro deve ser negado ou marginalizado, reafirmando a autonomia dos corpos racializados dentro da experiência erótica. O desejo, nesse contexto, não se submete às estruturas normativas da branquitude, mas se torna um espaço de liberdade, expressão e pertencimento.

Já o conto "A Buceta de 17cm" (ALVES, 2020, p. 26) exemplifica a imposição colonial da normatividade de gênero e sua ruptura. A protagonista, uma mulher trans negra, se recusa a ser enquadrada dentro dos padrões binários e cisheteronormativos. Lugones aponta que "o capitalismo eurocêntrico global é heterossexualista, já que a heterossexualidade permeia o controle patriarcal e racializado da produção – inclusive de conhecimento – e da autoridade coletiva" (LUGONES, 2020, p. 76). Dessa forma, a narrativa do conto ilustra como o sistema de gênero colonial busca restringir as identidades trans racializadas, e como a personagem desafia essa imposição ao afirmar seu próprio desejo e identidade. O corpo trans negro, historicamente invisibilizado ou hipersexualizado, aqui é ressignificado dentro de uma experiência de prazer que não se submete às normas de inteligibilidade da colonialidade, mas que se estabelece por meio de uma subjetividade própria e autônoma.

O conto "Princesas" (ALVES, 2020, p. 41) também se alinha à teoria de Lugones ao apresentar um romance homoafetivo entre mulheres negras. A protagonista, Júlia, médica negra, rompe com as expectativas coloniais que impõem um modelo de feminilidade submisso e heterossexual. Lugones (2020) enfatiza que a imposição da heteronormatividade funcionou como ferramenta de conversão de pessoas 'não brancas' em animais e de mulheres brancas em reprodutoras da raça e da classe. Ao narrar a relação entre Júlia e Kayla, o conto reafirma a autonomia do desejo negro e a resistência à colonialidade do gênero, que historicamente buscou invisibilizar ou patologizar a homoafetividade entre mulheres negras. O amor e o desejo entre mulheres negras são frequentemente apagados da literatura e da sociedade, e sua representação nesse conto funciona como uma reivindicação de um espaço de afeto que desafia os limites impostos pela matriz colonial da heterossexualidade obrigatória.

Além das questões de gênero e sexualidade, Preto Prazeres também questiona a própria noção de prazer dentro da lógica colonial. Se na estrutura colonial o prazer dos corpos racializados sempre esteve submetido ao olhar e ao consumo da branquitude, na obra de Odailta Alves o prazer se torna um ato de reivindicação e pertencimento. O erotismo na literatura negra não apenas ressignifica os corpos, mas também propõe novas formas de vivência e experimentação do desejo que rompam com a colonialidade e suas estruturas opressivas.

A leitura dos contos de Preto Prazeres sob a ótica da colonialidade do gênero demonstra como a literatura erótica negra não apenas questiona os interditos históricos impostos sobre a sexualidade negra, mas também reafirma o desejo como um espaço de resistência e reapropriação identitária. Assim, a escrita erótica de Alves cria um espaço no qual o prazer negro não é apenas permitido, mas celebrado, em que o desejo se torna uma forma de emancipação e reescrita da

história, desafiando as estruturas coloniais do gênero e abrindo caminho para novas possibilidades de subjetivação e existência.

IDENTIDADE DE GÊNERO, PERFORMATIVIDADE E TRANSGRESSÃO NA LITERATURA ERÓTICA NEGRA

Judith Butler, em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (1990), argumenta que a identidade de gênero não é uma essência fixa ou natural, mas um efeito da performatividade. Segundo Butler, "a 'coerência' e a 'continuidade' da 'pessoa' não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas" (BUTLER, 1990, p. 34). Assim, o gênero é construído por meio de práticas discursivas reiteradas que produzem a ilusão de uma identidade estável.

A literatura erótica negra de Odailta Alves, especialmente em *Preto Prazeres* (2020), desafia essa normatividade ao apresentar personagens cujas identidades transitam fora dos padrões hegemônicos. No conto "Sabão" (ALVES, 2020, p. 51), a narrativa evidencia a repressão da sexualidade na juventude e adolescência e o reencontro do desejo na vida adulta. A separação das protagonistas por conta do preconceito internalizado em suas famílias demonstra como a coerência e a continuidade da identidade de gênero são reguladas socialmente. Butler afirma que "a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de 'identidade' não possam 'existir'" (BUTLER, 1990, p. 35). A reunião das personagens na vida adulta e a vivência de seu amor sem as amarras impostas na infância simbolizam a ruptura com essa matriz de inteligibilidade.

No conto "A Escola" (ALVES, 2020, p. 53), a repressão da identidade e da sexualidade de Cauã reflete o que Butler aponta como a imposição de normas de inteligibilidade do gênero: "A noção de que pode haver uma 'verdade' do sexo é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por meio de uma matriz de normas de gênero" (BUTLER, 1990, p. 35). A experiência de Cauã ilustra como a identidade de gênero é policiada e disciplinada dentro de espaços institucionais, reafirmando os limites da heteronormatividade compulsória. No entanto, ao final do conto, Cauã encontra uma forma de agência, ao vivenciar sua sexualidade de maneira dissidente dentro do mesmo ambiente que o oprimiu.

A literatura de Odailta Alves, ao tensionar as normas de gênero e desejo, reafirma a performatividade da identidade, evidenciando que a coerência do sujeito é uma ilusão normativa. Como aponta Butler, "o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero" (BUTLER, 1990, p. 44). Nos contos analisados, a performatividade se

manifesta no rompimento com as normas de gênero e na afirmação de subjetividades dissidentes.

Outros contos da obra reforçam essa perspectiva transgressora. Em "Corpo Livre" (ALVES, 2020, p. 72), a protagonista experimenta uma jornada de autodescoberta corporal e identitária, rompendo com as restrições impostas pela sociedade. Seu corpo, antes marcado pela repressão e pelo medo, torna-se um espaço de liberdade e prazer, desafiando as normas que delimitam as possibilidades de existência. A obra sugere que a libertação não ocorre apenas no campo do desejo, mas também na construção de uma identidade autônoma e fluida.

Ademais, Odailta Alves não apenas desafia a inteligibilidade do gênero, mas também propõe uma interseccionalidade fundamental ao discurso erótico negro. A intersecção entre gênero, sexualidade e racialidade é central para compreender as experiências das personagens, cujas vivências são permeadas por opressões que se cruzam e se intensificam mutuamente. Como argumenta Patricia Hill Collins (1990), a opressão não pode ser compreendida de forma fragmentada, mas como um sistema interligado de domínio e resistência. Assim, as personagens não apenas desafiam a heteronormatividade, mas também subvertem as violências históricas impostas sobre corpos negros.

O erotismo na literatura de Odailta Alves não é apenas um espaço de prazer, mas também de política e transgressão. Ele desestabiliza o erotismo convencional e branco-centrado ao reivindicar um desejo negro que não se conforma às narrativas dominantes. Em sua obra, a erotização dos corpos negros não é fetichizada, mas apresentada como um campo de liberdade e subjetividade própria.

Portanto, a literatura erótica negra de Odailta Alves exemplifica na prática o deslocamento das normas de inteligibilidade do gênero, desestabilizando categorias fixas e evidenciando o caráter construído das identidades. Essa abordagem demonstra que a transgressão das normas de gênero e sexualidade não apenas desafia a matriz hegemônica, mas também possibilita novas formas de existência e resistência. Por meio da subversão de padrões normativos e da afirmação de subjetividades antes silenciadas, Alves constrói uma narrativa que é ao mesmo tempo erótica e política, revelando a potência da literatura como espaço de emancipação e transformação.

INTERSECCIONALIDADE, PERFORMATIVIDADE E TRANSGRESSÃO EM PRETOS PRAZERES

A obra *Pretos Prazeres*, de Odailta Alves, apresenta um panorama literário que tensiona as fronteiras da identidade, do desejo e da normatividade, alinhando-se às reflexões teóricas de Judith Butler e María Lugones. A literatura erótica negra aqui analisada se constrói como um espaço de resistência e subversão, em que os corpos racializados e dissidentes desafiam a matriz colonial e heteronormativa que estrutura as relações sociais e de gênero. O erotismo, mais do que um elemento narrativo, torna-se um dispositivo político que questiona e ressignifica o prazer e a subjetividade dos corpos negros.

O conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, é fundamental para compreender como as múltiplas formas de opressão – racismo, sexismo e heteronormatividade – operam simultaneamente sobre os sujeitos racializados(2002). *Pretos Prazeres* se insere nesse contexto ao abordar narrativas que entrelaçam essas dimensões, evidenciando as formas de controle e exclusão impostas aos corpos negros, mas também as maneiras pelas quais eles resistem e ressignificam suas experiências.

A obra de Odailta Alves desvela como o desejo e a sexualidade dos personagens negros são frequentemente mediadas por um olhar externo que impõe significados distorcidos e limitantes. Ao longo das narrativas, evidencia-se um esforço constante de romper com os estereótipos de hipersexualização e objetificação, criando espaços no qual o erotismo negro não é apenas uma manifestação do prazer, mas um ato de autonomia e reapropriação da própria subjetividade.

O erotismo em *Pretos Prazeres* não se apresenta como um campo neutro, mas como um território de disputa e reinvenção. O prazer, nesse contexto, é um instrumento de resistência contra a marginalização dos corpos negros. Os encontros sexuais narrados na obra não apenas desafiam os paradigmas normativos de gênero e sexualidade, mas também reivindicam o direito ao desejo pleno, sem mediações racistas ou patriarcais.

Outro aspecto importante da narrativa de Odailta Alves é a multiplicidade de experiências retratadas. Seus personagens vivem relações que escapam das classificações binárias e das normas tradicionais de gênero e orientação sexual. Esse deslocamento dos padrões normativos possibilita um espaço de experimentação e fluidez, no qual as identidades se constroem em constante transformação. Dessa maneira, a performatividade do gênero se manifesta em cada escolha, gesto e encontro erótico, desafiando as fronteiras rígidas impostas pela colonialidade.

Além disso, a literatura erótica negra, conforme apresentada na obra de Odailta Alves, promove uma escrita que coloca o corpo negro no centro da narrativa, não como um objeto, mas como um sujeito que sente, deseja e se expressa plenamente. Essa centralidade do corpo permite a criação de novas possibilidades de existir e resistir em um mundo que historicamente negou às pessoas negras a autonomia sobre seus próprios corpos.

A poética do erotismo em *Pretos Prazeres* dialoga com outras produções literárias e teóricas que discutem a necessidade de construir novas epistemologias sobre o desejo negro. Odailta Alves insere sua obra em um movimento de resgate e valorização das histórias, experiências e afetos de pessoas negras, desafiando a marginalização e oferecendo alternativas narrativas mais complexas e plurais.

Em suma, *Pretos Prazeres* não apenas tensiona as normatividades impostas à sexualidade e ao desejo, mas também propõe uma resignificação radical dessas experiências. O erotismo negro, na obra de Alves, se apresenta como um espaço de liberdade, em que os sujeitos podem se reinventar e desafiar as imposições históricas. Assim, a literatura se transforma em um ato político, um manifesto contra as opressões estruturais e uma afirmação da potência dos corpos racializados e dissidentes.

CONCLUSÃO

A análise da obra *Pretos Prazeres*, de Odailta Alves, a partir das contribuições teóricas de Judith Butler e María Lugones, permitiu compreender como as normas de gênero e sexualidade são questionadas e subvertidas pela literatura erótica negra. Butler problematiza a ideia de um gênero essencial e demonstra como a identidade é uma construção performativa, reiterada por práticas reguladoras que buscam manter a inteligibilidade do sujeito. Lugones, por sua vez, evidencia a imbricação entre gênero e colonialidade, mostrando que a divisão sexual do trabalho e a imposição de um gênero binário são também formas de opressão racial e histórica.

A literatura de Odailta Alves se insere nesse debate ao apresentar personagens que desafiam as normas impostas sobre corpo, desejo e identidade. Suas narrativas expõem a violência das estruturas normativas, mas também apontam para a possibilidade de resistência e reinvenção. A erotização dos corpos negros, muitas vezes marginalizados e subalternizados, é resignificada como um espaço de autonomia e subjetividade. Dessa forma, a obra não apenas denuncia os mecanismos de opressão, mas também propõe um deslocamento das categorias tradicionais de gênero e sexualidade, alinhando-se às reflexões críticas de Butler e Lugones.

Ao longo deste estudo, ficou evidente que *Pretos Prazeres* desafia a inteligibilidade normativa do gênero e da sexualidade, promovendo uma narrativa que não só dá visibilidade a corpos dissidentes, mas também propõe novas formas de subjetividade e prazer. O erotismo, longe de ser apenas um elemento estético, emerge como um ato político e uma forma de existência que tensiona as fronteiras do aceitável e do inteligível.

A interseccionalidade entre raça, gênero e desejo, evidenciada nas narrativas de Odailta Alves, revela a complexidade das experiências dos sujeitos racializados, cujas vivências de prazer e afetividade foram historicamente reguladas e marginalizadas. A obra ressignifica esses espaços e reconfigura o erotismo como campo de resistência, no qual os personagens se afirmam contra as normatividades opressoras e reivindicam novas formas de se relacionar consigo mesmos e com o outro. Ao construir um erotismo que não é apenas um espaço de prazer, mas também de crítica e libertação, Alves amplia as possibilidades da literatura erótica negra, evidenciando sua potência política e seu papel na transformação social.

O diálogo entre Odailta Alves, Butler e Lugones reforça a importância de uma leitura interseccional e descolonial da identidade, mostrando como a literatura pode ser um espaço de emancipação e resistência. A construção de narrativas que desafiam a hegemonia da branquitude e da heteronormatividade demonstra o poder da ficção em questionar estruturas de poder e criar novas formas de imaginar o desejo e a subjetividade negra.

Dessa forma, este estudo buscou contribuir para a compreensão dessas dinâmicas, ressaltando o papel da literatura na desconstrução das normatividades impostas e na afirmação de existências outras, fora dos limites da inteligibilidade hegemônica. Através da análise de *Pretos Prazeres*, ficou evidente que a literatura erótica negra não é apenas um espaço de expressão do desejo, mas também uma ferramenta de resistência e de luta por autonomia e representatividade. A obra de Odailta Alves demonstra que o prazer pode ser um ato revolucionário, capaz de reconfigurar subjetividades e desafiar as estruturas coloniais e patriarcais que historicamente restringiram os corpos negros ao silenciamento e à subalternidade. Assim, a literatura se reafirma como um território de insurgência, em que novas narrativas sobre desejo, identidade e liberdade podem emergir e se afirmar.

Referências

ALVES, Odailta. *Pretos prazeres*. 1. ed. Recife: Odailta Alves da Silva, 2020.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* [recurso eletrônico]. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v.10 n.1 p.171-188, 2002.